

**PERSON
E O
CINEMA
PAULISTA**

Entrevista a
Alfredo Sternheim



O CASO DOS IRMÃOS NAVES: ao centro, Anselmo Duarte e Raul Cortez.

Filme Cultura — Como se coloca no panorama cinematográfico brasileiro?

Luiz Sérgio Person — Eu e todos os realizadores paulistas nos encontramos de uma forma ou de outra, isolados. Marcamos, assim, uma característica do cinema em São Paulo: cada um tem um cinema desvinculado do outro. Cada filme paulista marca uma atitude diferente diante do cinema. Falo isso pensando, por exemplo, em um filme atual, do qual vi trechos recentemente. Aliás, esse filme tem um título bastante significativo diante dessa idéia de isolamento: é **A Margem**, de Oswaldo Candeias.

Todo autor, aqui, busca um tipo de cinema que consciente ou inconscientemente leva a uma pesquisa, a uma temática diversa de outro realizador. Não há — eu não diria uma unidade — mas uma certa equivalência de

idéias, de aspirações, alguma coisa que pudesse ser o elemento comum de definição do cinema paulista. Todos eles o são na medida que se encontram marginalizados e através dessas individualidades diversas, de objetivos contrários, formam o todo. **A Margem**, por exemplo, é um filme inesperado, totalmente diverso de tudo o que já se fez aqui em São Paulo, da mesma forma que **São Paulo S.A.**, creio, e alguns outros.

Enfim, cada filme trás uma mostra de isolamento, cada realizador tem características próprias de realização. Se quisermos verificar isso através de dois exemplos de continuidade com propósitos totalmente opostos, temos os casos de Mazzaropi e Khouri, um à procura de faturamento, atendendo a um gosto do público, o outro como expressão máxima de um cinema individualista, de preo-

cupação existencial e estilística. O Khouri, além de manter-se sempre fiel à mesma temática, procura levá-la às últimas conseqüências formais. E nesse sentido, à medida que vier a dar um passo, corre o risco de desligar-se de seu público.

Através desses dois exemplos, encontramos uma ausência de correspondência em outros filmes que aqui se realizam. Mazzaropi não tem nenhum seguidor, nenhum outro tipo de filme que se aproxime dele. Se alguém parte para uma realização comercial, não há equivalência com Mazzaropi. A prova é José Mojica Marins. Seu gênero é o "horror", mas a intenção de realizador é a busca de um cinema comercial.

Faço parte desse isolamento que há em São Paulo e mesmo os mais ativos, "tipo Khouri" ou "tipo comercial", dão assim o tom do cinema paulis-



SÃO PAULO S.A.: Otelo Zelsoni e Walmor Chagas.

PERSON E O CINEMA PAULISTA

ta. E veja que tudo isso se reproduz até em curta-metragens como **Perto do Coração Selvagem**, onde deveria haver uma influência de Khouri. Mas não há. A não ser a presença de um intérprete de suas fitas, Mário Benvenuti, não há nada que se configure como decorrência do cinema de Khouri, embora seja de seu ex-assistente Maurício Rittner. E tomando a trajetória de Benvenuti, o veremos em **A Margem**, uma fita e um trabalho totalmente opostos aos outros. Trata-se de uma película estranhíssima.

Filme Cultura — Existe alguma relação entre **O Caso dos Irmãos Naves** e **São Paulo S.A.**?

Luiz Sérgio Person — Primeiro, existe uma série de elementos. Afinal, são do mesmo realizador, há o mesmo tipo de preocupação, como encarar o modo de filmar. Nesse sentido, há uma grande correlação entre as duas fitas que se libertam de um aparato técnico, de filmagem em estúdio por exemplo, que caracteriza aquilo que eu chamo o falso surto industrial, buscando em vez disso um cinema de meios técnicos reduzidos, de filmagem "in loco", enfim, um cinema sem a "entourage" industrial que caracterizam mesmo os filmes "pós-Vera Cruz" e que hoje praticamente só persiste em Khouri. Até mesmo a produção da nova fita de Biáfora, **O Quarto**, ao que consta, é totalmente diversa de **Ravina**.

Portanto, nesse sentido há realmente uma correlação. Mas, a preposição inicial é totalmente oposta. **São Paulo S.A.** é um filme feito de uma experiência pessoal, de ambições e frustrações individuais. Conquanto eu negue a afirmação de muitos críticos — que, de certa forma, eu teria feito um filme autobiográfico — admito que sem esse "background" da minha

vida não teria havido **São Paulo S.A.** O filme nasceu de uma vivência, justamente dos anos em que eu estive afastado do cinema, da TV e do teatro. Foi num contato com a atividade industrial da cidade que tomei os elementos para fazer a fita.

Já **O Caso dos Irmãos Naves** parte de um fato, uma situação, de um ambiente, totalmente estranhos a mim. O caso me impressionou vivamente em 1956, a primeira vez que li algo sobre o assunto, antes mesmo de pensar em fazer **São Paulo S.A.** Jamais esta história teria qualquer relação com o filme

que agora foi realizado, se tivesse sido feito antes. Seria então mais ou menos um relato policial, um suspense. Ao contrário do meu filme anterior, esse tem uma objetividade essencial. **O Naves** é, assim, uma abstração de todo o conteúdo subjetivo; anseio e frustrações individuais deixam de existir. Ao contrário de **São Paulo S.A.**, não há personagens condutores. Há uma inversão de estrutura, completa. Há mesmo uma obsessão de inversão, de reviravolta estrutural.

Várias vezes fui acusado de oportunista, como se fôsse ao gosto do momento, como se fizesse cinema de acôrdo com o gosto vigente, como se eu fôsse alguém sem idéias próprias de cinema, de definição pessoal



O CASO DOS IRMÃOS NAVES: ao centro, Raul Cortez e Juca de Oliveira.

como cineasta. Talvez a mudança de São Paulo S.A. para O Caso dos Irmãos Naves possa vir a satisfazer, mais uma vez, essa idéia.

Filme Cultura — Quer dizer que não pretende manter-se fiel a um só gênero, a uma só temática?

Luiz Sérgio Person — Não. Não pretendo. Absolutamente. A única concessão que fiz nos últimos anos foi a tentativa com Roberto Carlos. No fundo, o que havia, além da impossibilidade de fazer O Caso dos Irmãos Naves, era eu poder chegar à comédia. Estava mais interessado na comédia do que no filme sobre Roberto Carlos. A meu ver, morre frustrado o cineasta que não faz comédia e musical.

Filme Cultura — Você se considera integrado no "cinema nôvo"?

Luiz Sérgio Person — Eu poderia dizer num tom meio sério, meio brincadeira, que eu vejo como um caso engraçado sem muito sentido, essa necessidade de enquadramento. Não posso dizer que faço parte de um grupo. Essa é a verdade. Há pessoas que necessitam de uma religião, de uma idéia gregária para sobreviverem. O próprio cinema que faço, o meio em que vivo, de certa forma contrariam a idéia de me considerar "cinema nôvo" ou "velho".

De fato, concordo, meu primeiro filme foi encampado pelo "cinema nôvo". Mas — aí eu discordo — o "cinema nôvo",

seja pelo que realizou ou pelo que deixou de realizar, negativa ou afirmativamente, o fez com grande alarde, representando um momento importante de determinada época de aprimoramento cultural no Brasil. Acho que sem o "cinema nôvo", sem essa idéia inicial de "cinema nôvo", dificilmente colocaríamos em discussão ampla no Brasil o problema do cinema, quebrando a dissociação cultural que havia.

Hoje, à certa distância da efervescência de então, pode-se ver que houve uma injusta supervalorização de certos filmes que nada tinham de nôvo ou notável, e que só pela ebulição reinante, pela promoção, é que ganharam destaque. Além do mais, acho que o "cinema nôvo", pelo menos como aquele movimento inicial, já não existe.

Equipe de O Caso dos Irmãos Naves — Produção: Lauper Filmes Ltda., M.C. Produção e Distribuição Cinematográfica Ltda. * Distribuição: M.C. e P.D.C. * Produtores: Glauco Mirko Laurelli, Luiz Sérgio Person * Direção: Luiz Sérgio Person. * Argumento e roteiro: Jean-Claude Bernadet e Luiz Sérgio Person. * Documentado no livro "O Caso dos Irmãos Naves", de João Alamy Filho. * Fotografia e câmera: Oswaldo de Oliveira. * Edição e montagem: Glauco Mirko Laurelli. * Direção de arte: Sebastião de Souza e Person. * Assistente de direção: Sebastião de Souza. * Gerente de produção: Sérgio Ricci. * Elenco: Anselmo Duarte, John Herbert, Juca de Oliveira, Raul Cortez, Sérgio Hingst, Lélia Abramo, Cacilda Lanuza, Júlia Miranda, Hiltruz Helz, João Quincas, Milton de Lima Filho. * Filmado em branco-e-prêto, película Gevapan 36. * Laboratório: Rex Filme S.A. * Som: Odil-Fono-Brasil. * Projeção: 92 minutos.

